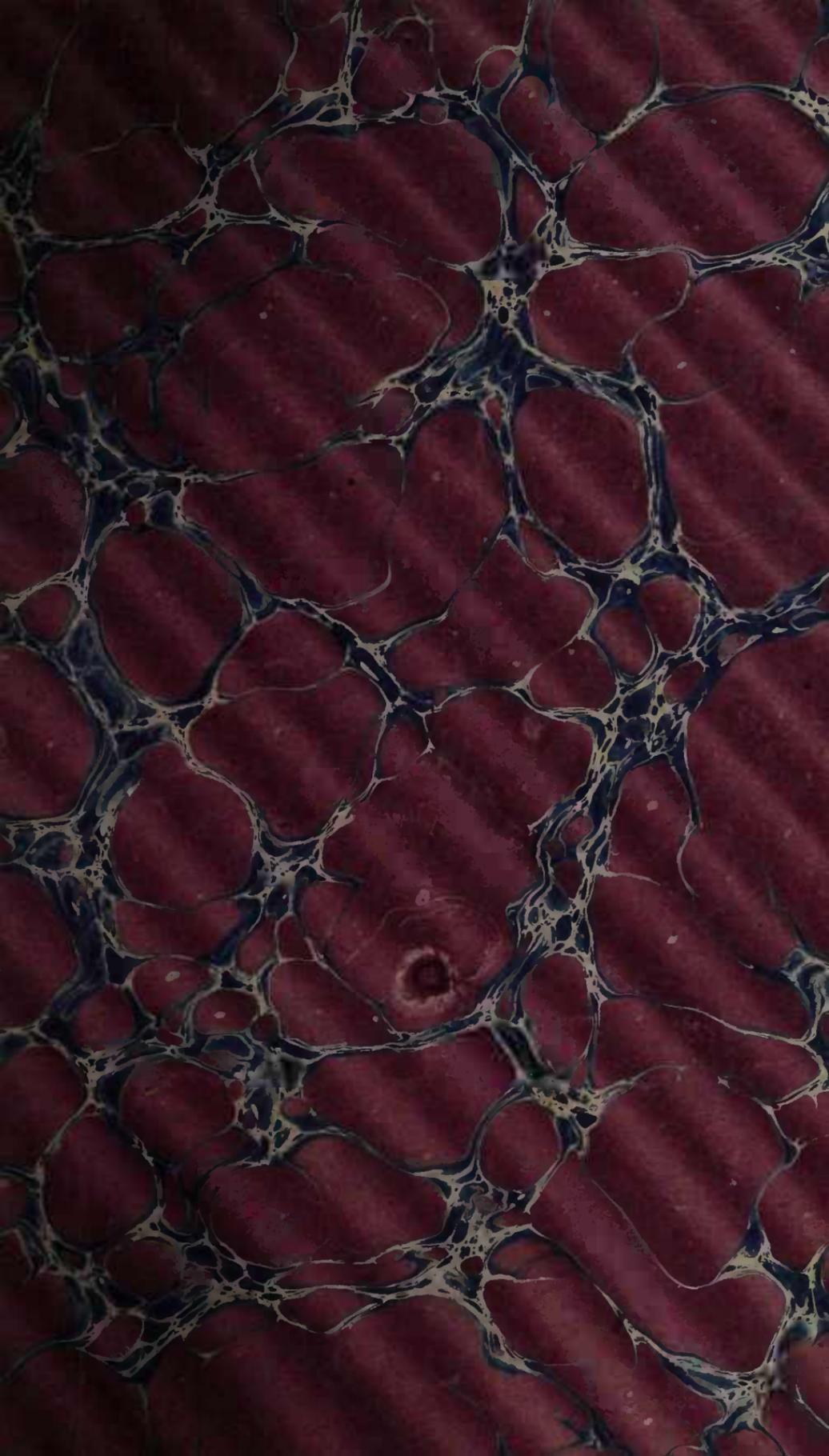


MARTI-S, PAULG



CASTRO ALVES

A CACHOEIRA

DE

PAULO-AFFONSO

POEMA

BAHIA

IMPRESA ECONOMICA

22 — Rua dos Algodões — 22

1876



CASTRO ALVES

A CACHOEIRA

DE

PAULO-AFFONSO

POEMA

ORIGINAL BRAZILEIRO

Fragmento dos — **ESCRÁVOS** —, sob o título de

MANUSCRIPTOS DE STENIO



BAHIA

IMPRESA ECONOMICA

22 — Rua dos Algebees — 22

—
1876

Je ne sais vraiment si j'aurai mérité qu'on dépose un jour un laurier sur mon cerceuil. La poésie, quelque soit mon amour pour elle, n'a toujours été pour moi qu'un moyen consacré pour un but saint.

Je n'ai jamais attaché un trop grand prix à la gloire de mes poèmes, et peu m'importe qu'on les loue, ou qu'on les blâme. Mais ce sera un glaive, que vous devez placer sur ma tombe, car j'ai été un brave soldat dans la guerre de délivrance de l'humanité.

H. HEINE (*Reisebilder*).

A TARDE

ERA a hora em que a tarde se debruça
Lá da rista das serras mais remotas . . .
E d'araponga o canto, que soluça,
Acorda os echos nas sombrias grotas ;
Quando sobre a lagoa, que s'embuça,
Passa o bando selvagem das gaivotas . . .
E a onça sobre as lapas salta urrando
Da cordilheira os visos abalando.

Era a hora, em que os cardos rumorejam,
Como um abrir de boccas inspiradas,
E os angicos as comas espanejam
Pelos dedos das auras perfumadas...
A hora, em que as gardenias, que se beijam,
São timidas, medrosas desposadas ;
E a pedra .. a flor... as selvas... os condores
Gagneijam .. fallam... cantam seus amores !

Hora meiga da tarde ! Como és bella
Quando surges do azul da zona ardente !
— Tu és do ceu a pallida donzella,
Que se banha nas thermas do oriente... ,
Quando é gotta do banho cada estrella,
Que te rola da espadua refulgente...
E — prendendo-te a transa a meia lua
Te enrolas em neblinas semi-núa !...

Eu amo-te, ó mimosa do infinito !
Tu me lembras o tempo, em que era infante.
Inda adora-te o peito do precito
No meio do martyrio excruciante ;

E, se não te dá mais da infancia o grito
Que menino elevava-te arrogante,
É que agora os martyrios foram tantos,
Que mesmo para o riso só tem prantos !...

Mas não me esqueço nunca dos fragedos
Onde infante selvagem me guiavas,
E os ninhos do *soffrir* que entre os sylvedos
Da embaiba nos ramos me apontavas ;
Nem mais tarde, dos languidos segredos
Do amor do nenuphar que enamoravas...
E as transas mulheris da granadilha !...
E os abraços fogosos da baunilha !...

E te amei tanto — cheia de harmonias,
A murmurar os cantos da serrana,
A lustrar o broquel das serranias, —
A dourar dos rendeiros a cabana...
E te amei tanto — à flor das agoas frias —
Da lagôa agitando a verde canna,
Que sonhava morrer entre os palmares,
Fitando o ceu ao tom dos teus cantares !...

Mas hoje, da procella aos estridores,
Sublime, desgrenhada sobre o monte,
Eu quizera fitar-te entre os condores
Das nuvens arruivadas do horisonte...
— Para então —, do relampago aos livores,
Que descobrem do espaço a larga fronte,
Contemplando o infinito... na floresta,
Rolar ao som da funeral orchestra !!

M A R I A

ONDE vaes á tardesinha,
Mucama tão bonitinha,
Morena flor do sertão?
A gramma um beijo te furta
Por baixo da saia curta,
Que a perna te esconde em vão...
2

Mimosa flor das escravas !
O bando das rôlas bravas
Vouu com medo de ti !...
Levas hoje algum segredo..
Pois te voltaste com medo
Ao grito do *bem-te-vi*.

Serão amores devéras ?
Ah ! Quem dessas primaveras
Podesse a flor apanhar !
E contigo, ao tom d'aragem,
Sonhar na rêde selvagem...
A' sombra do azul palmar !

Bem feliz quem na viola
Te ouvisse a moda hespanhola
Da lua ao frouxo clarão...
Com a luz dos astros — por cirios,
Por leito — um leito de lyrios...
E por tenda a solidão !

.....

O BAILE NA FLOR

QUE bellas as margens do rio possante,
Que ao largo espumante campêa sem par !...
Ali das bromelias nas flores douradas
Ha sylphos e fadas, que fazem seu lar...

E em lindos cardumes
Subtis vagalumes
Accendem os lumes
P'ra o baile na flor.

E então nas arcadas
Das pet'las douradas
Os grillos em festa
Começam na orchestra
Febris á tocar...

E as breves
Phalenas
Vão leves,
Serenas,
Em bando
Girando,
Walsando
Voando
No ar !...

NA MARGEM

VAMOS! vamos ! Aqui por entre os juncos
Eil-a a cama, em que en pequena outr'ora
Voava nas marêtas... Quando o vento,
Abrindo o peito á camisinha humida,
Pela testa enrolava-me os cabellos,
Ella voava qual marêta brava
No dorso crespo da feral enchente !

Voga, minha canôa ! Voga ao largo !
Deixa a praia, onde a vaga morde os juncos,
Como na matta os caítitús bravios...

Filha das ondas ! andorinha arisca !
Tu, que outr'ora levavas minha infancia
— Pulando alegre no espumante dorso
Dos cães marinhos a morder-te a prôa —,
Leva-me agora a mocidade triste
Pelos ermos do rio ao longe... ao longe...

Assim dizia a Escrava...

Iam cabindo

Dos dedos do crepúsculo os véus de sombra,
Com que a terra se vela, como noiva,
Para o doce hymeneu das noites limpidas...

Lá no meio do rio, que scintilla,
Como o dorso de enorme crocodillo,
Já manso e manso escôa-se a canôa.

Parecia, assim vista ao sol poente,
Esses ninhos, que tombam sobre o rio,
E onde em meio das flores vão chilrando
— Alegres sobre o abysmo — os passarinhos ! . .

.....

Tu guardas algum segredo ? . . .

Maria, estás á chorar !

Onde vás ? Porque assim foges

Rio á baixo á deslisar ?

Pedra, não tens o teu musgo ?

Não tens um favonio — flor ?

Estrella — não tens um lago ?

Mulher — não tens um amor ?

A QUEIMADA

MEU nobre perdigueiro ! vem comigo.
Vamos a sós, meu corajoso amigo,
Pelos ermos vagar !
Vamos lá dos geraes, que o vento açoita,
Dos verdes capinaes n'agreste moita
A perdiz levantar ! . . .

Mas não !.. Pousa a cabeça em meus joelhos...

Aqui, meu cão !... Já de listrões vermelhos

O céu se illuminou.

Eis subito, da barra do occidente,

Doudo, rubro, veloz, incandescente,

O incendio que acordou !

A floresta rugindo as comas curva...

As azas foscas o gavião recurva,

Espantado a gritar.

O estampido estupendo das queimadas

Se enrola de quebradas em quebradas

Galopando no ar.

E a chamma lavra qual giboia informe,

Que, no espaço vibrando a cauda enorme,

Ferra os dentes no chão...

Nas rubras roscas estorteja as mattas...

Que espadanam o sangue das cascatas

Do roto coração !...

O incendio — leão ruivo, ensanguentado,
A juba, a crina atira desgrenhado
 Aos pampeiros dos céus !...
Travou-se o pugilato... e o cedro tomba...
Queimado... retorcendo na hecatomba
 Os braços para Deus.

A queimada ! A queimada é uma fomalha !
A hirara pula ; o cascavel chocalha...
 Raiva, espuma o tapir !
E ás vezes sobre o cume de um rochedo
A corça e o tigre — naufragos do medo —
 Vão tremulos se unir !

Então passa-se ali um drama augusto...
N'ultimo ramo do páu d'arco adusto
 O jaguar se abrigou...
Mas rubro é o cén... Recresce o fogo em mares,
E após tombam as selvas seculares...
 E tudo se acabou !...

LUCAS

QUEM fosse n'aquella hora,
Sobre algum tronco lascado,
Sentar-se no descampado
Da solitaria ladeira,
Veria descer da serra,
Onde o incendio vae sangrento,
A passo tardio e lento,
Um bello escravo da terra
Cheio de viço e valor. . .

Era o filho das florestas !

Era o escravo lenhador !

Que bella testã espaçosa,

E sob o chapéu de couro

Que cabelleira abundante !

De marchetada giboia

Pende-lhe a rasto o facão . . .

E assim . . . erguendo o machado

Na breve e robusta mão . . .

Aquelle vulto soberbo,

--Vivamente alumiado,

Atravessa o descampado,

Como uma estatua de bronze,

Do incendio ao fulo clarão.

Desceu a encosta do monte,

Tomou do rio o caminho . . .

E foi cantando baixinho,

Como quem canta p'ra si.

Era uma dessas cantigas
Que elle um dia improvisara,
Quando junto da coivára
Faz-se o escravo — trovador ;
Era um canto languoroso,
Selvagem, bello, vivace,
Como o caniço que nasce
Sob os raios do Equador.

Eu gosto dessas cantigas,
Que me vem lembrar a infancia ;
São minhas velhas amigas,
Por ellas morro de amor . . .
Deixae ouvir a toada
Do captivo lenhador.

E o sertanejo assim solta a tyrana
Descendo lento p'ra a servil cabana :

TYRANA

« Minha Maria é bonita,
Tão bonita assim não ha ;
O beija-flor quando passa
Julga ver o manacá.

« Minha Maria é morena
Como as tardes de verão ;
Tem as tranças da palmeira
Quando sopra a viração.

« Companheiros ! o meu peito
Era um ninho sem senhor ;
Hoje tem um passarinho
P'ra cantar o seu amor.

« Trovadores da floresta !
Não digam a ninguém, não !..
Que Maria é a baunilha
Que me prende o coração.

« Quando eu morrer só me enterrem
Junto ás palmeiras do val,
Para eu pensar que é Maria
Que geme no taquaral... »

A SENZALA

QUAL o veado, que buscou o aprisco,
Balindo arisco, para a serra corre . . .
Ou como pombo, que os arrullos solta,
Se ao ninho volta quando a tarde morre . . .

Assim, cantando a pastoril ballada,
Já na explanada o lenhador chegou.
Para a cabana da gentil Maria
Com que alegria a suspirar marchou !

Eil-a a casinha . . . tão pequena e bella !
Como é singela com seus brancos muros !
Que liso tecto de sapé dourado !
Que ar engraçado ! que perfumes puros !

Abre a janella para o campo verde,
Que alem se perde pelos serros nús . . .
A testa enfeitada da infantil choupana
Verde liana de festões azues.

È este o galho da rolinha brava,
Aonde a escrava seu viver abriga . . .
Canta a jandaia sobre a curva rama
E alegre chama sua dona amiga.

Aqui n'aurora, abandonando os ninhos,
Os passarinhos vem pedir-lhe pão ;
Pousam-lhe alegres nos cabellos bastos,
Nos seios castos, na pequena mão.

Eis o painel encantado,
Que eu quiz pintar, mas não pude...
Lucas melhor o traçara
Na canção suave e rude...
Vêde que olhar, que sorriso
S'espande no bronzeo rosto,
Vendo o lar do seu amor...
Ai ! Da luz do Paraizo
Bate-lhe em cheio o fulgor.

DIALOGO DOS ECHOS

E chegou-se p'ra a vivenda
Risonho, calmo, feliz...
Escutou... mas só ao longe
Cantavam as juritis...
Murmurou : « Vou surp'rendel-a ! »
E a porta ao toque cedeu...
« Talvez agora sonhando
Diz meu nome o labio seu,
Que a dormir nada prevê... »
E o echo responde : — Vê !...

« Como a casa está tão triste !
Que aperto no coração !...
Maria !. . Ninguém responde !
Maria, não ouves, não ?...
Aqui vejo uma saudade
Nos braços de sua cruz...
Que querem dizer taes`prantos,
Que rolaram tantos, tantos
Sobre as faces da saudade,
Sobre os braços de Jesus ?...
Oh ! quem me empresta uma luz ?...
Quem me arranca a anciedade,
Que no meu peito nasceu ?
Quem d'este negro mysterio
Me rasga o sombrio veu ?... »

E o echo responde : — Eu !...

E chegou-se para o leito
Da casta flor do sertão...
Apertou co'a mão convulsa

O punhal e o coração ! . . .
Stava inda tepido o ninho
Cheio de aromas suaves . . .
E — como a penna, que as aves
Deixam no musgo ao voar — .
Um anel de seus cabellos
Jazia cortado á esmo
Como reliquia no altar ! . . .
Talvez prendendo nos élos
Mil suspiros, mil anhelos,
Mil soluços, mil desvellos,
Que ella deu-lhes p'ra guardar ! . . .

E o pranto em baga a rolar . . .

« Onde a pomba foi perder-se ?
Que ceu minha estrella encerra ?
Maria, pobre criança,
Que fazes tu sobre a terra ? »

E o echo responde — Erra !

« Partiste ! Nem te lembraste
D'este martyrio sem fim !...
Não ! perdôa... tu choraste
E os prantos, que derramaste,
Foram vertidos por mim...
Houve pois um braço estranho
Robusto, feroz, tamanho,
Que ponde esmagar-te assim ?... »

E o echo responde — Sim !

E rugiu : « Vingança ! guerra !
Pela flor, que me deixaste,
Pela cruz, em que resaste,
E que teus prantos encerra !
Eu juro guerra de morte
À quem feriu desta sorte
O anjo puro da terra...
Vê como este braço é forte !
Vê como é rijo este ferro !
Meu golpe é certo... não erro.

Onde ha sangue, sangue escorre ! . . .
Villão ! Deste ferro e braço,
Nem a terra, nem o espaço,
Nem mesmo Deus te soccorre ! ! . . . »

E o echo responde — Corre !

Como o cão elle em torno o ar aspira,
Depois se orientou ;
Fareja as hervas . . . descobriu a pista
E rapido marchou.

.....

No entanto sobre as aguas, que scintillam,
Como o dorso de enorme crocodillo,
Já manso e manso escôa-se a canôa ;
Parecia assim vista — ao sol poente —
Esses ninhos, que o vento lança ás aguas,
E que na enchente vão boiando á tóa ! . . .

O NADADOR

EIL-O que ao rio arroja-se ;
As vagas bipartiram-se ;
Mas rijas contrahiram-se
Por sobre o nadador...
Depois s'entreabre lugubre
Um circulo symbolico...
É o riso diabolico
Do pego zombador !

Mas não ! Do abysmo indomito
Surge-me um rosto pallido,
Como o Neptuno esqualido
Que amaina a crina ao mar ;
Fita o batel longinquo
Na sombra do crepusculo,
Rasga com ferreo musculo
O rio par á par.

Vagas ! Dalilas perfidas !
Moças, que abris um tumulo,
Quando do amor no emulo
Fingis nos abraçar !
O nadador intrepido
Vos toca as têtas cerulas . . .
E após — zombando — as perolas
Vos quebra do collar.

Vagas, curvae-vos timidias !
Abri fileiras pavidias
Ás mãos possantes, avidias
Do nadador audaz,

Bello de força olympica
— Soltos cabellos humidos —
Braços hereuleos, tumidos...
É o rei dos vendavaes !

Mas ai ! Lá ruge proxima
A correnteza horrída,
Como da zona torrida
A boicininga á urrar...
É lá que o rio indomito,
Como o corcel da Ukrania,
Rincha á saltar de insania,
Freme e se atira ao mar.

Tremeste ? Não, qu'importa-te
Da correnteza o estridulo ?
Se ao longe vês teu idolo,
Ao longe irás tambem...
Salta á garupa humida
Deste corcel titanico...
— Novo Mazzeppa oceanico —
Alem ! alem ! alem !...

NO BARCO

— **L**UCAS ! — Maria ! murmuraram juntos. . .
E a moça em pranto lhe cahiu nos braços.
Jamais a parasita em floeos laços
Assim ligou-se ao piquiã robusto. . .

Eram-lhe as transas á cair no busto
Os esparsos festões da granadilha. . .
Tepido aljofar o seu pranto brilha,
Depois resvala no moreno seio . .

Oh ! doces horas de suave enleio !
Quando o peito da virgem mais arqueja,
Como o casal da rola sertaneja,
Se a ventania lhe sacode o ninho.

Contae, ó brisas, mas contae baixinho !
Passae, ó vagas . . . , mas passae de manso !
Não perturbeis-lhe o placido remanso,
Vozes do ar ! emanações do rio !

« Maria, falla ! » — « Que accordar sombrio »,
Murmura a triste com um sorriso lonco,
« No Paraizo eu descansava um pouco . . .
Tu me fizeste despertar na vida . . .

« Porque não me deixaste assim pendida
Morrer co'a fronte occulta no teu peito ?
Lembrei-me os sonhos do materno leito
Nesse momento divinal . . . Qu'importa ? . . .

« Toda esperança para mim 'stá morta . . .
Sou flor manchada por cruel serpente . . .
Só de encontro nas rochas pode a enchente
Lavar-me as nodoas, m'esfolhando a vida.

« Deixa-me ! Deixa-me á vagar perdida . . .
Tu ! — parte ! volve para os lares teus.
Nada perguntas . . . é um segredo horrivel . . .
En te amo ainda . . . mas agora — adeus ! »

A D E U S

— **A**DEUS — Ai ! creança ingrata !
Pois tu me disseste — adeus — ?
Loucura ! melhor seria
Separar a terra e os ceus.

« — Adeus ! — palavra sombria !
De uma alma gelada e fria
És a derradeira flor.

— Adeus ! — miseria ! mentira
De um seio, que não suspira,
De um coração sem amor.

« Ai, Senhor ! A rola agreste
Morre se o par lhe faltou.
O raio que abraza o cedro
A parasita abrasou.

« O astro namora o orvalho :
— Um é a estrella do galho,
— Outro o orvalho da amplidão.

Mas, á luz do sol nascente,
Morre a estrella — no poente !
O orvalho — morre no chão !

« Nunca as neblinas do valle
Souberam dizer-se — adeus —
Se unidas partem da terra,
Perdem-se unidas nos ceus.

« A onda expira na plaga,
Porem vem logo outra vaga
P'ra morrer da mesma dor...

— Adeus — palavra sombria !
Não digas — adeus --, Maria !
Ou não me falles de amor ! »

.

MUDO E QUEDO

E CALADO ficou. . . Do pranto as bagas
Pelo moreno rosto deslisaram,
Qual da b'raúna, que o machado fere,
Lagrinas saltam de um sabor amargo.

Mudos, quedos os dous neste momento
Mergulhavam no dedalo da angustia,
No labyrintho cseuro da desgraça. . .
Labyrintho sem luz, sem ar, sem fio. . .

Que dor, que drama torvo de agonias
Não vae n'aquellas almas !... Dor sombria
De ver quebrado aquelle amor tão santo,
De lembrar que o passado está passado... ,
Que a esperança morreu, que surge a morte !...
Tanta illusão !.. tanta caricia meiga !..
Tanto castello de ventura feito
A' beira do riacho, ou na campanha !..
Tanto extase innocente de amorosos !..
Tanto beijo na porta da choupana,
Quando a lua invejosa no infinito
Com uma benção de luz sagrava os noivos !..

Não mais ! não mais ! O raio, quando esgalha
O ipé secular, atira ao longe
Flores, que ha pouco se beijavam n'hastea,
Que unidas nascem, juntas viver pensam,
E que jamais na terra hão de encontrar-se.

Passou-se muito tempo. . . Rio á baixo
A canôa corria ao tom das vagas.

De repente elle ergueu-se hirto, severo,
— O olhar em fogo, o riso convulsivo —
Em golfadas lançando a voz do peito !...

« Maria ! diz-me tudo... Falla ! falla
Em quanto eu posso ouvir... Creança, escuta !
Não vês o rio ?... é negro !.. é um leito fundo...
A correnteza estrepitando arrasta
Uma palmeira, quanto mais um homem !...
Pois bem ! Do seio turgido do abysmo
Ha de romper a maldição do morto ;
Depois o meu cadaver negro, livido,
Irá seguindo a esteira da canôa
Pedir-te inda que falles, desgraçada,
Que ao morto digas o que ao vivo occultas !... »

Era tremenda aquella dôr selvagem,
Que rebentava emfim, partindo os diques
Na furia desmedida !...

Em meio ás ondas

Ja Lucas rolar. . .

Um grito fraco,
Uma tremula mão susteve o escravo...
E a pallida creança, desvairada,
Aos pés caiu-lhe á desfazer-se em pranto.

Ella encostou-se ao peito do selvagem
— Como a violeta, as faces escondendo
Sob a chuva nocturna dos cabellos — !
Lenta e sombria após contou d'est'arte
A treda historia desse tredo crime !...

NA FONTE

I

« **E**RA hoje ao meio dia.
Nem uma brisa macia
Pela savana bravia
Arrufava 'os hervaçaes. . .
Um sol de fogo abrazava ;
Tudo a sombra procurava ;
Só a eigarra eantava
No troneo dos eoqueiraes.

II

« Eu cobri-me da mantilha,
Na cabeça puz a bilha,
Tomei do deserto a trilha,
Que lá na fonte vae dar.
Cançada cheguei na matta :
Alli, na sombra, a cascata
As alvas tranças desata
Como ãa moça á brincar.

III

« Era tão densa a espessura !
Corria a brisa tão pura !
Reinava tanta freseura,
Que eu quiz me banhar alli.
Olhei em roda . . . Era quedo
O mato, o campo, o rochedo . . .
Só nas galhas do arvoreda
Saltava alegre o sagui.

IV

« Junto ás agoas crystalinas
Despi-me louca, traquinas,
E as roupas alvas e finas
Atirei sobre os cipós.
Depois mirei-me innocente,
E ri vaidosa... e contente...
Mas voltei-me de repente...
Como que ouvira uma voz !

V

« Quem foi que passou ligeiro,
Mechendo alli no engazeiro,
E se embrenhou no balseiro,
Rachando as folhas do chão ?...
Quem foi ? — Da matta sombria
Uma vermelha cotia
Saltou timida e bravia,
Em procura do sertão.

VI

« Chamei-me então de creança ;
Á meus pés a onda mansa
Por entre os juncos s'entrança
Como uma cobra á fugir !
Mergulho o pé docemente ;
Com o frio fujo á corrente...
De um salto após de repente
Fui dentro d'agua cair.

VII

« Quando o sol queima as estradas,
E nas varzeas abrasadas
Do vento as quentes lufadas
Erguem novellos de pó,
Como é doce em meio as cannas,
Sob um tecto de lianas,
Das ondas nas espadanas
Banhar-se despida e só !...

VIII

« Rugitavam os palmares...
Em torno dos nenuphares
Zumbiam pejando os ares
Mil insectos de rubim...
Eu n'aquelle leito brando
Rolava alegre cantando...
Subito... um ramo estalando
Salta um homem junto á mim !

NOS CAMPOS

« **F**UGI desvairada !
Na moita intrincada,
Rasgando uma estrada,
Fugaz me embrenhei.
Apenas vestindo
Meus negros cabellos,
E os seios cobrindo
Com os tremulos dedos,
Ligeira voei !

« Saltei as torrentes.
Trepei dos rochedos
Aos cimos ardentes.
Nos invios caminhos,
Cobertos de espinhos,
Meus passos mesquinhos
Com sangue marquei !

.....

« Avante ! corramos !
Corramos ainda !...
Da selva nos ramos
A sombra é infinda.
A matta possante
Ao filho arquejante
Não nega um abrigo...
Corramos ainda !
Corramos ! avante !

« Debalde ! a floresta
— Madrasta impiedosa

A pobre chorosa
Não quiz abrigar !

« Pois bem ! Ao deserto !

« De novo é loucura !
Seguindo meus traços
Escuto seus passos
Mais perto ! mais perto !
Já queima-me os hombros
Seu halito ardente.
Já vejo-lhe a sombra
Na humida alfombra . . .
Qual negra serpente,
Que vae de repente
Na presa saltar ! . . .

Na douda
Corrida,
Vencida,
Perdida,
Quem me ha de salvar ?

NO MONTE

« **P**AREI... Volvi em torno os olhos assombrados...
Ninguém ! A solidão pejava os descampados !...
Restava inda um segundo... um só p'ra me salvar ;
Então reuni as forças, ao ceu ergui o olhar...
E do peito arranquei um pavoroso grito,
Que foi bater em cheio ás portas do infinito ! [monte
Ninguém ! Ninguém me acode... Ai ! só de monte em
Meu grito ouvi morrer na extrema do horisonte!...
Depois a solidão ainda mais calada
Na mortalha envolveu a serra destampada !

« Ai ! que pode fazer a rola triste
Se o gavião nas garras a espedaça ?
Ai ! que faz o cabrito no deserto,
Quando a giboia no potente aperto
Em roscas ferreas o seu corpo enlaça ?

« Fazem, como eu . . . Resistem, batem, luctam,
E finalmente expiram de tortura . . .
Ou, se escapam trementes, arquejantes,
Vão, lambendo as feridas gottejantes,
Morrer á sombra da floresta escura ! . . .

« E agora está concluida
Minha historia desgraçada.
Quando cahi — era virgem,
Quando ergui-me — deshonrada ! »

SANGUE DE AFRICANO

AQUI sombrio, fero, delirante
Lucas ergueu-se como o tigre bravo...
Era a estatua terrivel da vingança...
O selvagem surgiu... sumiu-se o escravo.

Crispado o braço, no punhal segura !
Do olhar sangrentos raios lhe resaltam,
Qual das janellas de um palacio em chammias
As labaredas, irrompendo, saltam.

Com o gesto bravo, sacudido, fero,
A dextra ameaçando a immensidade . . .
Era um bronze de Achilles furioso
No punho concentrando a tempestade !

No peito arcando o coração sacode
O sangue que da raça não desmente,
Sangue queimado pelo sol da Lybia,
Que ora referve no Equador ardente. ;.

A M A N T E

« **B**ASTA, creança ! Não solves tanto...
Enchuga os olhos, meu amor, enchuga !
Que culpa tem a clica descahida
Se abelha envenenada o mel lhe suga ?

« Basta ! Esta face já contou mil gottas
De lagrimas de dor nos teus olhares.
Surri, Maria ! Eila jurou pagar-t'as
No sangue d'elle em gottas aos milhares.

« Porque volves os olhos desvairados ?
Porque tremes assim, fragil creança ?
Est'alma é como o braço, o braço é ferro,
E o ferro sabe o trilho da vingança.

« Se a justiça da terra te abandona,
Se a justiça do céu de ti se esquece,
A justiça do escravo está na força...
E quem tem um punhal nada carece !...

« Vamos ! Acaba a historia... Lança a presa...
Não vês meu coração, que sente fome ?
Amanhã chorarás ; mas de alegria !
Hoje é preciso me dizer — seu nome ! »

A N J O

« **A**I ! que vale a vingança, pobre amigo,
Se na vingança a honra não se lava ?...
O sangue é rubro, a virgindade é branca —
O sangue augmenta da vergonha a bava.

« Se nós fomos somente desgraçados,
Para que miseráveis nos fazemos ?
Deportados da terra assim perdemos
De além da campa as regiões sem termos...

« Ai ! não manches no crime a tua vida,
Meu irmão, meu amigo, meu esposo !...
Seria negro o amor de uma perdida
Nos braços á sorrir de um criminoso !... »

DESESPERO

« **C**RIME ! Pois será crime se a giboia
Morde silvando a planta, que a esmagara ?
Pois será crime se o jaguar nos dentes
Quebra do indio a perfida taquara ?

« E nós que somos, pois ? Homens ? Loucura !
Família, leis e Deus lhes coube em sorte.
A familia no lar, a lei no mundo...
E os anjos do Senhor depois da morte.

« Tres leitos, que succedem-se macios,
Onde rolam na santa ociosidade . . .
O pae o embala . . . a lei o acaricia . . .
O padre lhe abre a porta á eternidade.

« Sim ! Nós somos reptis . . . Qu'importa a especie ?
— A lesma é vil, — o cascavel é bravo.
E vens fallar de crimes ao captivo ?
Então não sabes o que é ser escravo ! . . .

« Ser escravo — é nascer no alcouce escuro
Dos seios infamados da vendida . . .
Filho da perdição no berço impuro
Sem leite para a bocca resequida . . .
É mais tarde, nas sombras do futuro,
Não descobrir estrella foragida . . .
É ver — viajante morto de cansaço —
A terra — sem amor ! . . . sem Deus — o espaço !

« Ser escravo — é, dos homens repellido,
Ser tambem repellido pela fera ;
Sendo dos dous irmãos pasto querido,
Que o tigre come e o homem dilacera...
— É do lodo no lodo sacudido
Ver que aqui ou além nada o espera,
Que em cada leito novo ha mancha nova...
No berço... após no tóro... após na cova !...

« Crime ! Quem te fallou, pobre Maria,
Desta palavra estúpida ?... Descansa !
Foram elles talvez ? !... É zombaria...
Escarnecem de tí, pobre creança !
Pois não vês que morremos todo dia
Debaixo do chicote, que não cansa ?
Em quanto do assassino a frente calma
Não revela um remorso de sua alma ?

« Não ! Tudo isto é mentira ! O que é verdade
É que os infames tudo me roubaram...

Esperança, trabalho, liberdade
Entreguei-lhes em vão... não se fartaram.
Quizeram mais... Fatal voracidade!
Nos dentes meu amor espedaçaram...
Maria! Última estrella de minh'alma!
O que é feito de ti, virgem sem palma?

« Pomba — em teu ninho as serpes te morderam.
Folha — rolaste no paul sombrio.
Palmeira — as ventanias te romperam.
Corça — afogaram-te as candaes do rio.
Pobre flor — no teu calice beberam,
Deixando-o depois triste e vazio...
— E tu, irmã! e mãe! e amante minha!
Queres que eu guarde a faca na bainha!

« Ó minha mãe! ó martyr africana,
Que morreste de dor no captiveiro!
Ai! sem quebrar aquella jura insana,
Que jurei no teu leito derradeiro,

No sangue desta raça impia, tyranna
Teu filho vae vingar um povo inteiro !...
Vamos, Maria ! Cumpra-se o destino...
Dize ! dize-me o nome do assassino !... »

« Virgem das Dores
Vem dar-me alento,
Neste momento
De agro soffrer !
Para occultar-lhe
Busquei a morte...
Mas vence a sorte,
Deve assim ser.

.....

« Pois que seja ! Debalde pedi-te,
Ai ! debalde a teus pés me rojei...
Porem antes escuta esta historia...
Depois della... o *seu* nome direi ! »

HISTORIA DE UM CRIME

« **F**AZEM hoje muitos annos
Que de uma escura senzala
Na estreita e lodosa sala
Arquejava ãa mulher.
Lá fora por entre as urzes
O vendaval s'extorcia...
E aquella triste agonia
Vinha mais triste fazer.

« A pobre soffria muito.
Do peito cançado, exangue,
A's vezes rompia o sangue
E lhe inundava os lençóes.
Então, como quem se agarra
A's ultimas esperanças,
Duas pavidas creanças
Ella olhava... e ria após.

« Que olhar ! que olhar tão extenso !
Que olhar tão triste e profundo !
Vinha já de um outro mundo,
Vinha talvez lá do céu.
Era o raio derradciro,
Que a lua, quando se apaga,
Manda por cima da vaga
Da espuma por entre o vén.

« Ainda me lembro agora
Daquella noite sombria,

Em que ãa mulher morria
Sem rezas, sem oração !. .
Por padre — duas creanças. . .
E apenas por sentinella
Do Christo a face amarella
No meio da escuridão.

« A's vezes n'aquella fronte
Como que a morte pousava
E da agonia aljofrava
O derradeiro suor. . .
Depois acordava a martyr,
Como quem tem um segredo. . .
Ouvia em torno com medo,
Com susto olhava em redor.

« Emfim, quando noite velha
Pesava sobre a mansarda,
E somente o cão de guarda
Ladrava aos ermos sem fim,

Ella, nos braços sangrentos
As creanças apertando,
N'um tom meigo, triste e brando
Poz-se a fallar-lhes assim :

ULTIMO ABRAÇO

« **F**ILHO, adeus ! Já sinto a morte,
Que me esfria o coração.
Vem cá... Dá-me a tua mão...
Bem vês que nem mesmo tu
Podes dar-lhe novo alento !...
Filho, é o ultimo momento...
A morte — a separação !
Ao desamparo, sem ninho,
Ficas, pobre passarinho,

Neste deserto profundo,
Pequeno, captivo e nú !...

« Que sina, meu Deus ! que sina
Foi a minha neste mundo !
Presa ao céu — pelo desejo,
Presa á terra — pelo amor !...
Que importa ! é tua vontade ?
Pois seja feita, Senhor !

« Pequei !... foi grande o meu crime,
Mas é maior o castigo...
Ai ! não bastava a amargura
Das noites ao desabrigo ;
De espedaçarem-me as carnes
O tronco, o açoite, a tortura,
De tudo quanto soffri.
Era preciso mais dores,
Inda maior sacrificio...
Filho ! bem vês meu supplicio...
Vão separar-me de ti !

« Chega-te perto... mais perto ;
Nas trevas procura ver-te
Meu olhar, que treme incerto,
Perturbado, vacillante...
Deixa em meus braços prender-te
P'ra não morrer neste instante ;
Inda tenho que fazer-te
Uma triste confissão...
Vou revelar-te um segredo
Tão negro, que tenho medo
De não ter o teu perdão !... »

Mas não !

Quando um padre nos perdôa,
Quando Deus tem piedade,
De um filho no coração
Uma mãe não bate á tôa.

MÃE PENITENTE

« **O**UVE-ME, pois ! . . . Eu fui uma perdida ;
Foi este o meu destino, a minha sorte . . .
Por esse crime é que hoje perco a vida,
Mas delle em breve ha de salvar-me a morte !

« E minh'alma, bem vês, que não se irrita,
Antes bemdiz estes mandões ferozes.
Eu seria talvez por ti maldita,
Filho ! sem o baptismo dos algozes !

« Porque eu pequei . . . e do peccado escuro
Tu foste o fructo candido innocente,
— Borboleta, que sae do lodo impuro . . .
— Rosa, que sae de — putrida semente !

« Filho ! Bem vês . . . fiz o maior dos crimes :
— Criei um ente para a dor e a fome !
Do teu berço escrevi nos brancos vimes
O nome de bastardo — impuro nome.

« Por isso agora tua mãe te implora
E á teus pés de joelhos se debruça.
Perdôa á triste — que de angustia chora,
Perdôa á martyr — que de dor solça !

« Mas um gemido á meus ouvidos sôa . . .
Que pranto é este que em meu seio rola ?
Meu Deus, é o pranto seu que me perdôa . . .
Filho, obrigada pela tua esmola ! »

O SEGREDO

«**A**GORA vou dizer-te porque morro ;
Mas has de jurar primeiro,
Que jamais tuas mãos innocentes
Ferirão meu algoz derradeiro . . .
Meu filho, eu fui a victima
Da raiva e do ciume.
Matou-me como um tigre carniceiro,
Bem vês,

Uma branca mulher, que em si resume

Do tigre — a malvadez,

Do cascavel — o rancor !...

Deixo-te pois...

— Um grito de vingança ?

— Não, pobre creança !...

Um crime á perdoar... o que é melhor !...

« Depois, teve razão... Esta mulher

É tua e minha *senhora* !...

.....

« Lucas, silencio ! que por ella implora

Teu pae... e teu irmão !...

« Teu irmão, que é seu filho... (ó magoa e dor!)

Teu pae — que é seu marido.. e teu senhor !...

« Juras não te vingar ? — Ó mãe, eu juro

Por ti, pelos beijos teus !

« — Obrigada ! agora . . . agora
Já nada mais me demora . . .
Deus ! — recebe a peccadora !
Filho ! — recebe este adeus ! » —

Quando, rompendo as barras do oriente,
A estrella da manhã mais desmaiava,
E o vento da floresta ao céu levava
O canto jovial do *bem-te-vi* ;
Na casinha de palha uma creança,
Da defunta abraçando o corpo frio,
Murmurava chorando em desvario :
— Eu não me vingo, ó mãe... juro por ti !.. —

Maria calou-se . . . Na frente do escravo
Suor de agonia gelado passou ;
Com riso convulso murmura : « Que importa
Se o filho da escrava na campa jurou ? !.. »

« Que tem o passado com o crime de agora ?
Que tem a vingança, que tem com o perdão ? »
E como arrancando do craneo uma idéa
Na fronte corria-lhe a gelida mão. . .

« Esquece o passado ! . . . Que morra no olvido . . .
Ou antes relembra-o cruento, feroz !
Legenda de lodo, de horror e de crimes
E gritos de victima e risos de algoz !

« No frio da cova que jaz na esplanada,
— Vingança — murmuram os ossos dos ueus ! »

-- « Não ouves um canto, que passa nos ares ?
— Perdôa ! — respondem as almas nos ceús !

— « São longos gemidos do seio materno
Lembrando essa noite de horror e traição ! »

— « É o flebil suspiro do vento, que outr'ora
Bebera nos labios da morta o perdão ! . . . »

E descaiu profundo
Em longo meditar . .
Após sombrio e fero
Viram-n'ò murmurar :

« Mãe ! na região longinqua
Onde tua alma vive,
Sabes que eu nunca tive
Um pensamento vil.
Sabes que esta alma livre
Por ti curvou-se escrava ;
E devorou a bava . . .
E tigre — foi reptil !

« Nem um tremor correra-me
A face fustigada !
Beijei a mão armada
Com o ferro que a feriu . . .
Filho, de um pae miserrimo
Fui o fiel rafeiro . . .
Caim, irmão traçoeiro !
Feriste . . . e Abel sorriu,

« De tanto horror o cumulo,
Ó mãe, alma celeste,
Se perdoar quizeste,
Eu perdoei tambem.
Sanctificaste os miseros ;
Curvei-me reverente
A *elles* tão somente,
Somente... á mais ninguem !

« Ninguem ! que á nada humilho-me
Na terra, nem no espaço !...
Pode ferir meu braço...
— « Lucas ! não pode, não !
Misero ! a mão que abrira
De tua mãe a cova...
O golpe hoje renova !...
Mata-me !... É teu irmão !... »

.....

CREPUSCULO SERTANEJO

A TARDE morria ! Nas aguas barrentas
As sombras das margens deitavam-se longas ;
Na esguia atalaia das arvores seccas
Ouvia-se um triste chorar de arapongas.

A tarde morria ! Dos ramos, das lascas,
Das pedras, do lichen, das heras, dos cardos,
As trevas rasteiras com o ventre por terra
Sahiam, quaes negros, crueis leopardos.

A tarde morria ! Mais funda nas aguas
Lavava-se a galha do escuro engazeiro . .
Ao fresco arrepio dos ventos cortantes
Em musico estalo rangia o coqueiro.

Sussurro profundo ! Marulho gigante !
Talvez um silencio ! . . . Talvez uma orchestra . . .
Da folha, do calix, das azas, do insecto . . .
Do atomo á estrella . . . do verme — á floresta ! . . .

As garças mettiam o bico vermelho
Por baixo das azas — da brisa ao açoite ;
E a terra na vaga de azul do infinito
Cobria a cabeça co'as pennas da noite !

Somente por vezes, dos jungles das bordas
Dos golfos enormes d'aquella paragem,
Erguia a cabeça surpreso, inquieto,
Coberto de limos — um touro selvagem.

Então as marrecas, em torno boiando,
O vôo encurvavam medrosas, á tóa...
E o tímido bando pedindo outras praias
Passava gritando por sobre a canôa !... .

.....:.....



.

O BANDOLIM DA DESGRAÇA

QUANDO de amor a Americana douda
A moda tange na febril viola,
E a mão febrênta sobre a corda fina
Nervosa, ardente, sacudida rola,

A gusla geme, s'estorceudo em ancias,
Rompem gemidos do instrumento em pranto...
Chôro indizível... comprimir de peitos..
Queixas, soluços... desvairado canto!

E mais dorida a melodia arqueja !
 E mais nervosa corre a mão nas cordas ! ..
 Ai ! tem piedade das creanças louras
 Que soluçando no instrumento acordas !...

« Ai ! tem piedade dos meus seios tremulos... »
 Diz estalando o bandolim queixoso.
 ... E a mão palpita-lhe apertando as fibras...
 E ferc, e ferc em dedilhar nervoso !...

Sobre o regaço da mulher trigueira
 Douda, cruel, a execução delira !...
 Então — co'as unhas cor de rosa, a moça,
 Quebrando as cordas, o instrumento atira !...

.....

Assim, desgraça, quando tu, maldicta !
 As cordas d'alma delirante vibras...,
 Como os teus dedos espedaçam rijos
 Uma por uma do infeliz as fibras !

— Basta —, murmura esse instrumento vivo.
— Basta —, murmura o coração rangendo.
E tu, no entanto, n'um rasgar de arterias,
Feres lasciva em dedilhar tremendo.

Crença, esperança, mocidade e gloria,
Aos teus harpejos, — gemebundas morrem !...
Resta uma corda... — a dos amores puros...
E mais ardentes os teus dedos correm !...

E quando farta a cortezã cançada
A pobre gusla no tapete atira,
Que resta ?... — ã alma, que não tem mais vida !
Olhos sem pranto ! desmontada lyra !...

A CANOA PHANTASTICA

PELAS sombras temerosas
Onde vae esta canôa ?
Vae tripolada ou perdida ?
Vae ao certo ou váe á tôa ?

Semelha nm tronco gigante
De palmeira, que s'escôa. . .
No dorso da correnteza,
Como boia esta canôa !. . .

Mas não branqueja-lhe a vela !
N'agua o remo não resôa !
Serão phantasmas, que descem
Na solitaria canôa ?

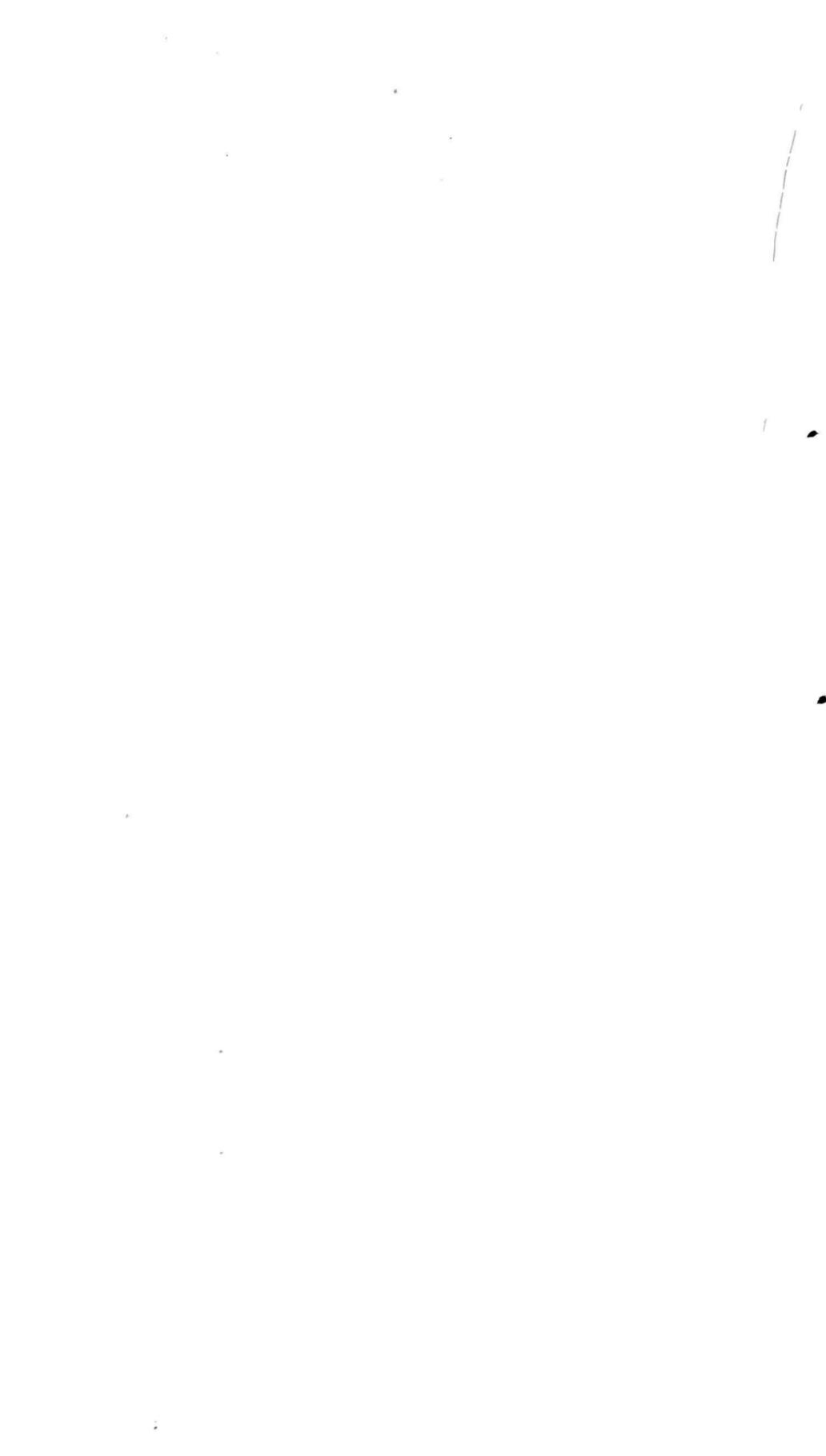
Que vulto é este sombrio
Gelado, immovel na prôa ?
Dir-se-hia o genio das sombras
Do inferno sobre a canôa ! . .

Foi visão ? Pobre creança !
Á luz, que dos astros cóa,
É teu, Maria, o cadaver,
Que desce nesta canôa ?

Cahida, pallida, branea ! . . .
Não ha quem d'ella se dôa ? ! . .
Vão-lhe os cabellos á rastos
Pela esteira da canôa ! . . .

E as flores roseas dos golfos,
— Pobres flores da lagôa,
Enrolam-se em seus cabellos
E vão seguindo a canôa ! . . .

.....



O SÃO FRANCISCO

LONGE, bem longe dos cantões bravios,
Abrindo em alas os barrancos fundos ;
Dourando o collo aos perennaes estios,
Que o sol atira nos modernos mundos ;
Por entre a grita dos feraes gentios,
Que acampam sob os palmeirae profundos ;
Do São Francisco a soberana vaga
Leguas e leguas triumphante alága !

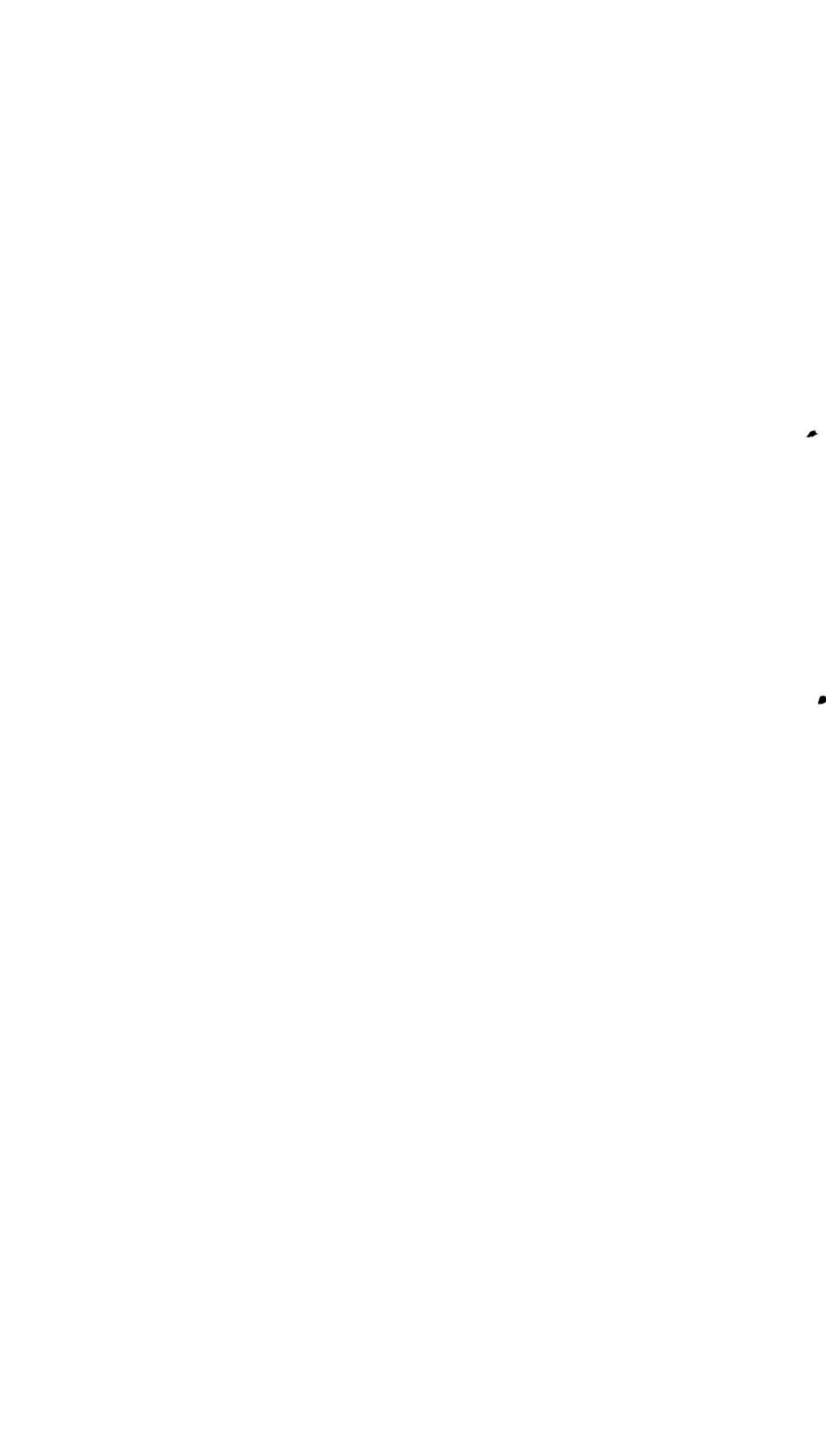
Ante-manhã, sob o sendal da bruma,
 Elle vagia na vertente ainda,
 — Iympha amorosa — co'a nitente espuma
 Orlava o seio da Mineira linda ;
 Ao meio dia, quando o solo fuma
 Ao bafo morto de ãa calma infinda,
 Viram-no aos beijos dolamber demente
 As rijas formas da cabocla ardente.

Insano amante ! Não lhe mata o fogo
 O deleite da indigena lasciva . . .
 Vem — á busca talvez de desafogo
 Bater á porta da Bahiana altiva.
 Nas verdes cannas o gemente rogo
 Ouve-lhe á tarde a tabarôa esquivã . . .
 E talvez por magia . . . á luz da lua
 Molle a creança na caudal fluctua.

Rio soberbo ! tuas aguas turvas
 Por isso descem lentas, peregrinas . . .
 Adormeces ao pé das palmas curvas
 Ao musico chorar das casuarinas !

Os poldros soltos — retezando as curvas,
Ao galope agitando as longas crinas,
Rasgam alegres — relinchando aos ventos
De tua vaga os turbilhões barrentos.

E tu desces, ó Nilo brasileiro,
As largas *ypoeiras* alagando,
E das aves o côro alviçareiro
Vae nas balsas teu hymno modilhando !
·Como pontes aerias — do coqueiro
·Os cipós escarlates se atirando,
De grinaldas em flor tecendo a arcada
São arcos triumphaes de tua estrada ! . . .



A CACHOEIRA

MAS subito da noite no arrepio
Um mugido soturno rompe as trevas...
Titubantes — no alveo do rio —
Tremem as lapas dos titães coevas !...
Que grito é este sepulchral, bravo,
Que espanta as sombras ululantes, sevas ?...
É o braço atroador da catadupa
Do penhasco batendo na garupa !...

Quando no lado fertil das paragens
Onde o Paraguassú rola profundo,
O vermelho novilho nas pastagens
Come os caniços do torrão fecundo ;
Inquieto elle aspira nas bafagens
Da negra suc'ruíuba o cheiro immundo...
Mas já tarde... silvando o monstro vôa...
E o novilho preado os ares trôa !

Então doudo de dor, sanie babando,
Com a serpente no dorso parte o touro...
Aos bramidos os valles vão clamando,
Fogem as aves em sentido choro...
Mas subito ella ás aguas o arrastando
Contracte-se para o negro sorvedouro...
E enrolando-lhe o corpo quente, exangue,
Quebra-o nas roscas, donde jorra o sangue.

Assim dir-se-hia que a caudal gigante
— Larga sucuruiuba do infinito —
Co'as escamas das ondas coruscante
Ferrara o negro touro de granito !..

Horrido, insano, triste, lacerante
Sobe do abysmo um pavoroso grito . . .
E medonha á suar a rocha brava
As pontas negras na serpente crava ! . . .

Dilacerado o rio espadanando
Chama as aguas da extrema do deserto . . .
Atropella-se, empina, espuma o bando . . .
E em massa rúe no precipicio aberto . . .
Das grutas nas cavernas estourando
O coro dos trovões travam concerto . . .
E ao vel-o as aguias tontas, eriçadas
Caém de horror no abysmo estateladas . .

A cachoeira ! Paulo Affonso ! O abysmo !
A briga colossal dos elementos !
As garras do Centauro em paroxismo
Raspando os flancos dos parccis sangrentos.
Relutantes na dor do cataclysmo
Os braços do gigante suarentos
Aguentando a ranger (espanto ! assombro !)
O rio inteiro, que lhe cae no hombro !

Grupo enorme do fero Laocoonte
Vira a Grecia acolá e a luta estranha !...
Do sacerdote o punho e a roxa frente...
E as serpentes de Ténedos em sanha !...
Por hydra — um rio ! Por augure — um monte !
Por aras de Minerva — uma montanha !
E em torno ao pedestal laçados, tredos,
Como filhos chorando-lhe — os penedos.

UM RAI0 DE LUAR

ALTA noite elle ergueu se hirto, solemne.

Pegou da mão da moça. Olhou-a fito...

Que fundo olhar !

Ella estava gelada, como a garça,

Que a tormenta ensopou longe do ninho

No longo mar.

Tomou-a no regaço... assim no manto
Apanha a mãe a creancinha loura,
Tenra a dormir.
Apartou-lhe os cabellos sobre a testa
Pallida e fria. . . Era talvez a morte...
Mas a sorrir.

Pendeu-lhe sobre os labios. Como treme
No somno aza de pombo, assim tremia-lhe
O resomnar.
E como o beija-flor dentro do ovo,
Ia-lhe o coração no niveo seio
A titilar.

Morta não era ! Euntanto um rir convulso
Contrahira as feições do homem silente
— Riso fatal.
Dir-se-hia que antes a quizera rija
Inteiriçada pela mão da noite
Hirta, glacial !

Um momento de braços sobre o abysmo
Elle, embalando-a, sobre o rio negro

Mais s'inclinou . . .

N'esse instante o luar bateu-lhe em cheio,
E um riso á flor dos labios da creança
Á flux boiou !

Qual o murzelo do penhasco á borda
Empina-se e cravando as ferraduras

Morde o escarceo ;

Um calafrio percorreu-lhe os musculos . . .
O vulto recuou !.. A noite em meio
Ia no ceo!



DESPERTAR PARA MORRER

— « **A**CORDA ! »

— « Quem me chama ? »

— « Esenta ! »

— « Escuto . . . »

— « Nada ouviste ? »

— « Inda não . . . »

— « É porque o vento

Escaceou. »

— « Ouço agora . . . da noite na calada

Uma voz que resomna cava e funda

E após cançou ! »

— « Sabes que voz é esta ? »

— « Não ! semelha

Do agonisante o derradeiro engasgo,

Rouco estertor. . . »

E calados ficaram, mudos, quedos,

Mãos contrahidas, boccas sem alento. . .

Hora de horror !. . .

LOUCURA DIVINA

— « **S**ABES que voz é esta ? »

Ella scismava !...

— « Sabes, Maria ? »

— « É uma canção de amores,

Que além gemeu ! »

— « É o abysmo, creança !... »

A moça rindo

Enlaçou-lhe o pescoço :

— « Oh ! não ! não mintas

Bem sei que é o céu ! »

— « Doida! doida! é a voragem que nos chama !. . »

— « Eu ouço a Liberdade ! »

— « É a morte, infante !

— « Erraste. É a salvação ! »

— « Negro phantasma é quem me embala o esquife ! »

— « Loucura ! É tua Mãe . . . O esquife é um berço,
Que boia n'amplidão !. »

— « Não vês os pannos d'agua como alvejam

Nos penedos ?.. Que gelido sudario

O rio nos talhou ! »

— « Veste-me o setim branco do noivado..

Roupas alvas de prata... alventes dobras...

Veste-me !.. Eu aqui estou ! »

— « Já na proa espadana, salta a espuma. . . »

— « São as flores gentis da lorangeira

Que o pego vem nos dar...

Oh ! nevoa ! Eu amo teu sendal de gaze !. . .

Abram-se as oudas como virgens louras,

Para a esposa passar !...

« As estrellas palpitam ! — São as tochas !
Os rochedos murmuram !.. — São os monges !
Resa um orgão nos céus !
Que incenso ! — Os rolos que do abysmo voam !
Que thuribulo enorme — Paulo Affonso !
Que sacerdote ! — Deus... »

.....

A' BEIRA DO ABYSMO

E DO INFINITO

— — —

A CELESTE Africana, a virgem — Noite
Cobria as faces... Gotta a gotta os astros
Cahiam-lhe das mãos no peito seu...
Um beijo infindo suspirou nos ares...

.....

A canôa rolava !.. Abriu-se a um tempo
O precipicio !.. e o céu !..

FIM

N O T A

Lê-se no DEZESEIS DE JULHO

« Depois de quatorze legoas de viagem, desde a foz do Rio de S. Francisco, chega-se a esta cachocira, de que se contam tantas grandezas fabulosas.

« Para bem descrevel-a, imaginae uma colossal figura de homem sentado com os joelhos e os braços levantados, e o rio de S. Francisco cahindo com toda sua força sobre as costas. Não podereis ver sem estar trepado em um dos braços, ou em qualquer parte que lhe fique ao nível ou á cavalleiro sobre a cabeça.

« Parece arrebentar de debaixo dos pés, como a formosa cascata de Tivoli junto á Roma. Um mugir surdo e continuado, como os preparos para um terremoto, serve de acompanhamento á musica estrondosa de variados e diver-

sos sons, produzidos pelos choques das aguas. Quer ellas venham correndo velocissimas ou saltando por cima das cristas de montanhas ; quer indo em grandes massas de encontro a ellas, e dellas retrocedendo : cahindo em borbotão nos abysmos e delles se erguendo em humida poeira, quer torcendo-se nas vasças do desespero, ou levantando-se em espumantes escarcéos ; quer estourando como uma bomba ; quer chegando-se aos vae-vens, e brandamente e com espadanas ou em flocos de escuma alvissima como arminhos, — é um espectaculo assombroso e admiravel.

« A altura da grande queda foi calculada em 362 palmos. Ha 17 cachoeiras, que são verdadeiros degraus do alto throno, onde assentou se o gigante de nome Paulo Affonso.

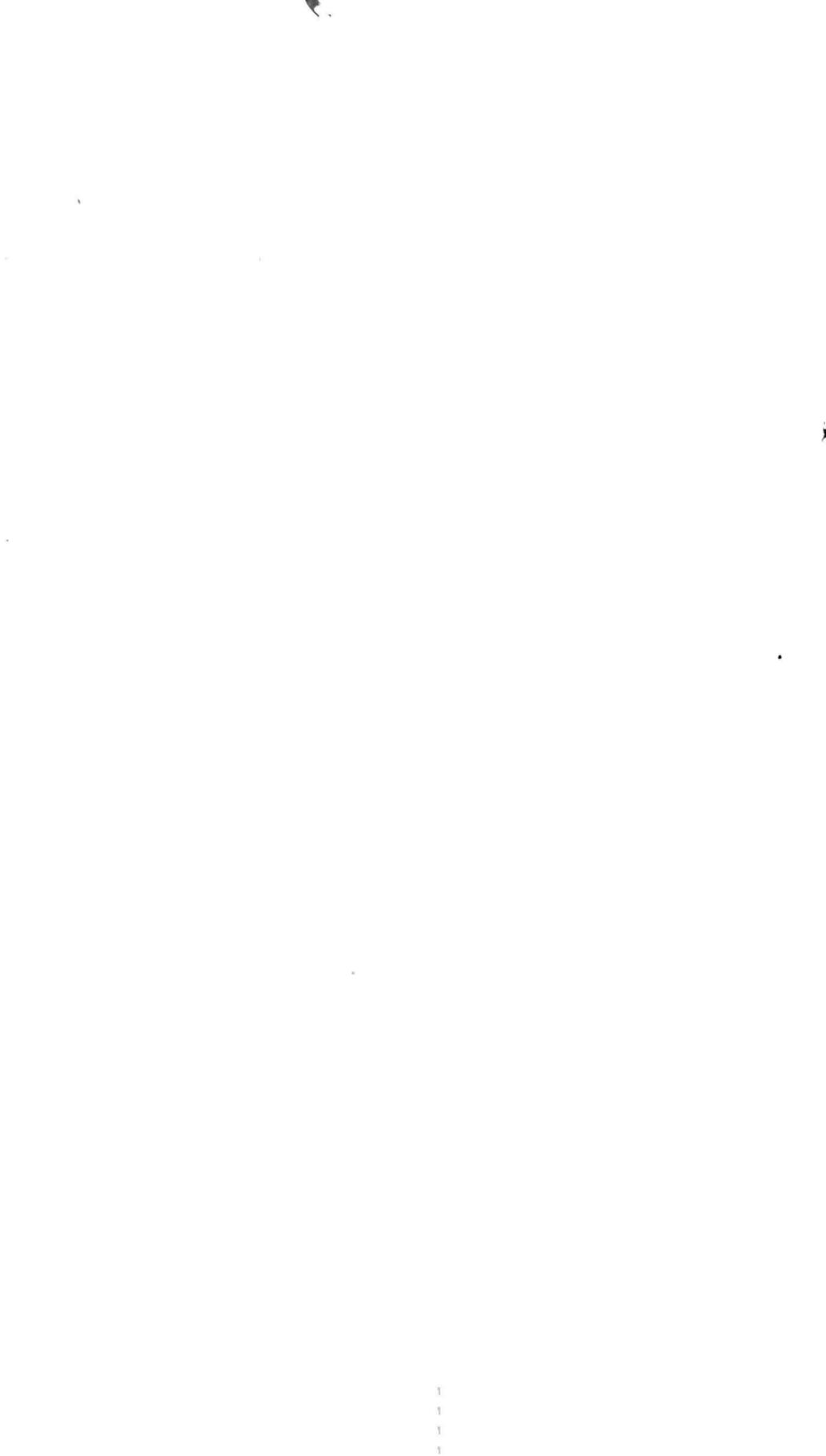
« Muitas grutas apresentam os rochedos deste logar, sombrias, arejadas, arruadas de crystalinas areias, banhadas de frigiditas lymphas.

« S. M, o Imperador visitou esta cachoeira na manhã de 20 de Outubro de 1859. O Presidente das Alagoas, Dr. Manuel Pinto de Souza Dantas, teve a idéa de erigir um monumento á visita imperial. »

(Transcripta do *Diario da Bahia.*)

ERRATA

Pag. 1, verso 2, em vez de *rista*, *crista* ; pag. 9, verso 2, em vez de *cama*, *canôa* ; pag. 14, verso 16, em vez de *estorteja*, *estortega* ; pag. 18, verso 14, em vez de *fulo*, *fulvo* ; pag. 105, verso 7, em vez de *braço*, *brado* ; pag. 106, verso 1, em vez de *lado*, *lodo*.









BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).